



BETHLEEM, OU BELEM, NA PALESTINA.

— « E tu Belem, terra de Judá (*), não és a de menos consideração entre as principaes de Judá; porque de ti sahirá o conductor, que hade commandar o meu povo de Israel. » — Estas palavras que lêmos no St.^o Evangelho, segundo S. Matheus, cap. 2.^o x 6.^o, trasladam a prophécia de Michéas, cap. 5.^o x 2.^o, que annuncia claramente o lugar do nascimento do Salvador do mundo. Belem, que perto de dez seculos antes da vinda de Christo, foi cidade de consideração, que Roboão fortificou, é hoje uma pequena villa, povoada de arabes da peor casta, a quem os visinhos e os caminhanes temem por causa dos continuos latrocinios e violencias com que os vexam: Ibrahim-pachá, filho do actual pachá do Egypto, lhes cohibiu algum tanto a insolencia, querendo patrocinar os christãos peregrinos e os outros arabes mais pacificos, habitantes das terras circumvisinhas. Belem, cujo nome posto pelo Patriarcha da Lei velha, Abrahão, significa *celleiro* ou casa de pão, talvez pela grande fertilidade do solo, comparado com o dos outros logares da Palestina, seria em nossos dias terra insignificante e que ninguem demandaria, se não gozasse a ineffavel gloria de ter sido o berço do Redemptor, onde os Magos, sabios vindos de diversas terras, e os simplices pastores dos contornos da cidade, adoraram, assim que despontou, o Astro que dissipou com seu luzeiro de fulgor eterno as trevas da primitiva culpa. O peregrino, depois de venerar na capital de Israel os santos logares consagrados pelos passos de Jesu-Christo, prosegue a visitar Belem, que está distante obra de duas leguas: sabindo pela porta de Jaffa toma á esquerda, e descendo pela ladeira d'um barranco, deixa á direita o poço d'Ezechias, subindo logo por um terreno pedregoso caminha na direcção do sudoeste por um chão igualmente frágoso e infructifero, em que apenas se recream os olhos com algumas nodoas espalhadas de verdura, e que são mui tenues seáras, ou campinhos

de relva, salpicada de flores agrestes: o guia lhe indica a arruinada torre de Simeão, o mosteiro grego de Elias, e o tumulo de Rachel, e depois lhe mostra Belem. A povoação cobre a beira d'um outeiro sobre o lado meridional d'um valle fundo e dilatado, que se prolonga de nascente a poente. O objecto mais proeminente é o convento construido no lugar do *presepio*; com suas muralhas e ameias parece de longe uma fortaleza: descobre-se á esquerda o lago asphaltico ou Mar-morto, que parece estar proximo, mas para que lá chegue o viajante tem de gastar tempo e a paciencia, costeando pelo declive altas montanhas. A igreja está edificada sobre uma gruta, aberta na rocha, onde em um recanto, um pouco abaixo do nivel do resto do pavimento, está collocado um troço de marmore branco, cavado em fórma de mangedoura, para indicar o sitio em que a Santa Virgem depositou o recém-nascido Menino Jesus. A nave do templo superior é adornada com quatro renques de columnas da ordem corinthia, cada uma de 18 pés de altura, e dois pés e meio de diametro: como falta o tecto, as columnas meramente sustentam uma frisa de madeira, que faz as vezes de architrave e de todo o entablamento. Ha nas muralhas obra de madeiramento por cubrir, que se elevava como á maneira de zimbório para sustentar o tecto, o qual ha muito não existe, ou talvez nunca fosse acabado: veem-se tambem alguns restos de pinturas em madeira, e de mosaico. A nave, que os armenios occupam, é separada dos outros ramos da cruz, que forma a igreja, por uma parede que destroe a unidade do edificio: a parte superior desta figura de cruz é occupada pelos gregos, como um choro, e ahí mostram um altar dedicado aos Magos do oriente, no meio do qual está uma estrella, esculpida em marmore, no ponto correspondente ao local subterraneo do nascimento do Salvador. Quinze degraus e uma estreita passagem dão serventia para o sagrado cryptto do Santissimo Natal, tendo esta gruta 37½ pés de comprido, 11 de largo, e 9 d'alto: é forrada e calçada de marmore fino, guarnecida de cinco oratorios, ou capellinhas para resar, de cada lado: fica

(*) Denominam os escriptores do Velho Testamento a esta cidade Belem Ephrata, e os do Novo Belem de Judá, para distincção de outra Belem nas terras da tribu de Zabulon.

da parte oriental o sitio do nascimento do Menino, que é assignalado por uma *gloria*, feita de marmore e jaspe, circulada de prata, com a inscripção:

HIC DE VIRGINE MARIA
JESUS CHRISTUS NATUS EST.

“*Aqui da Virgem Maria nasceu Jesu-Christo.*”

Sete passos para alem, encostado á rocha, ha um altar dentro d'um arco. A capella não recebe luz de parte alguma: é allumiada por trinta e duas lampadas, dadas de varios principes da christandade.

O elegante Chateaubriand diz: — “Não póde haver cousa mais jucunda, nem melhor imaginada para excitar a devoção, do que esta igreja subterranea. É adornada de quadros das escollas, italiana e hespanhola, e que representam os mysterios proprios do logar; a Virgem e o menino, copia de Raphael, a Annunciação, a Adoração dos Magos, a dos pastores, e todos aquelles milagres, em que se combinam sublimidade e innocencia. Os ornatos costumados da imitação do pobre berço do Salvador, são de setim azul, bordado de prata: defronte arde continuamente incenso. Ouvi tocar, durante a missa, por mão habil, n'um órgão, as mais ternas e melodiosas arias dos compositores italianos: estes *concertos* enlevam o christãos dos arredores, que deixando pastar seus camellos, vem, como os antigos pastores de Belem, adorar o Rei dos reis reclinado na humilde mangedoura: eu vi estes habitantes do deserto orar no altar dos Magos, com fervor, piedade e devoção desconhecidas aos christãos do occidente. — Não ha ponto no universo (diz o P. Neret) que mais devoção inspire. A constante chegada das comitivas de christãos de muitas nações, as publicas orações, as genuflexões, até a riqueza dos presentes enviados por principes; tudo isto produz n'alma sensações que mais facil é experimentar-las que descrevê-las. — Permitta-se-nos acrescentar (continua o illustre visconde) que estas scenas ainda mais sobresaem em razão de um extraordinario contraste: porque, deixando a gruta, atraz vos ficam esplendor, opulencia, artes e a religião de um povo civilizado; e sois transportado a uma profunda solidão em meio dos desertos da Arabia, entre selvagens meio-nús e musulmanos infieis. É comtudo isso foi este o theatro de tão maravilhosos milagres; e o chão sagrado donde foi para sempre desterrada a alegria. As recordações da sua gloria no seu seio se fecharam. — ”

A pequena villa de Belem conterà uns trescentos habitantes, muitos dos quaes ganham a sua vida a fabricar rosarios, crucifixos, e outros objectos de devoção, que os peregrinos compram. O ar é sadio; e o terreno de greda, sobre a fertilidade do qual não concordam os auctores. Mr. de Chateaubriand diz expressamente. — “Não observei essa fecundidade que tem sido attribuida ao valle de Belem; comtudo, é verdade que sob as ordens de um governador turco o mais fecundo territorio degenera em poucos annos n'um deserto.” — O Dr. Wittman, viajante posterior, refere que “os lados da montanha, em que jaz a povoação, bem como os altos, são entremeados de vinhas bem creadas, em socalcos e por entre fragas, que deviam ter custado prodigioso trabalho aos cultivadores; produzem cachos de notavel grandeza e exquisito sabor. Alem disso vi figueiras, romieiras, e grande abundancia de oliveiras, que valem muito para os habitantes: nos valles dá-se algum trigo de que se fabrica excellente pão. Os orvalhos, que frequentemente e em grande copia cahem nas manhaãs e noites, favorecem muitissimo toda a vegetação.” Pelo que póde dizer-se que pro-

porcionalmente á qualidade do seu territorio é Belem mui productiva.

Na cidade mostra-se tambem uma profunda e vasta cisterna, para onde dizem que foram lançados os corpos dos innocentes degolados por ordem de Herodes. Para o nordeste ha um valle entre vertentes de altas serras, e nelle, segundo affirma a tradição, appareceu a visão dos anjos aos pastores: mana uma fonte nestas visinhanças, onde matou a sede o propheta rei, David, quando opprimido pela calma e cansado do conflicto contra os Philisteus. O Dr. Clarke bebeu da agua deliciosa desse manancial, e assenta, comparando as descripções dos historiadores sagrados e do hebreu Josepho, e attendendo á disposição permanente das fontes naturaes, que não póde haver duvida na identidade desta. A quasi duas milhas da povoação fica o tumulo de Rachel, que alli foi sepultada por seu esposo Jacob, como lemos no Genesis cap. 35 x 19 e 20: foi a segunda mulher daquelle patriarcha, que primeiro por engano do sogro se desposou com Lia, e sobre este facto dos livros sanctos compoz Luiz de Camões o formoso soneto que assim começa:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia. &c.

O sepulchro está ao presente coberto com um pequeno edificio quadrado, mahometano, fechado com uma cupula, semelhando os mausolés dos santos do islamismo, que se encontram pela Arabia e Egypto.

De recordações biblicas abunda a Terra com razão denominada Santa; e como não seria assim se foi ella o theatro dos estupendos acontecimentos que nos transmittiram os codices dos dois Testamentos, da lei velha e da Lei da Graça?... Belem é um desses logares privilegiados, que desde os tempos mais remotos tem acolhido dentro dos seus muros e em seus pobres alvergues os mais illustres viajantes, que com os Evangelhos n'uma mão e a penna na outra transmittiram á posteridade as impressões recebidas em tão sacrosantos sitios, onde a presença de Deus humanado parece ainda viva, e se recordam as memorias de seus castigos, como as de suas misericordias.

Em Belem de Judá passou David, ainda ignorado dos seus compatricios, posto que de regia estirpe nascido, parte da sua juventude, apascentando ovelhas, até que o victorioso combate contra o soberbo gigante Philisteu o fez conhecido, e lhe abriu a gloriosa carreira, que lhe poz na cabeça a corôa de Israel. Alguns dos illustres varões, que a Biblia commemora, nasceram em Belem e entre elles o apostolo S. Mathias.

ESTATISTICA LITTERARIA.

Com o N.º 192 deste jornal, 1.º do presente vol. 5.º, distribuimos um mappa estatistico da universidade de Coimbra, referido ao anno lectivo precedente. Estas materias, ainda que pareçam indifferentes ou ociosas a algumas pessoas, não são para desprezar, porquanto pela falta de documentos analogos em todas as numerosas repartições do estado nos achâmos hoje na impossibilidade de escrever a historia economica e philosophica deste reino, aquella que mais serve para appresentar os verdadeiros quilates do valor d'uma nação, e mostrar a gradação da sua prosperidade ou decencia. Por isso dâmos agora outro mappa, não menos interessante que o anterior.

ANNO LECTIVO DE 1839 A 1840. — Numero dos alumnos da universidade de Coimbra, na primeira matricula, por districtos e provincias, comparados com a respectiva população, segundo o recenseamento de 1838, publicado no Diario do Governo de 21 d' Abril de 1840.

NATURALIDADES.		Theologia	Direito	Medicina	Mathe- matica	Philosoph.	1.º Total	Dedução dos que seg. diff. faculd.	2.º Total	Popoação.	Comparação do numero dos alumnos com a povoação.
Por prov. e ultramar.	Por districtos.										
	Vianna. Districto Capital		17	2	2	2					
	Braga. D.	1	28	2	4	8	27	3	24	175015	1 p.º 7292
	Porto. D.		7	1			51	5	46	285792	1 " 6212
	Porto. C.		60	4	8	9					
	Porto. C.		23	5	9	11	129	13	116	341841	1 " 2946
MINHO	1	137	14	24	31	207	21	186	802646	1 " 4315
	Villa-real. Districto Capital		13	5	2	1					
	Bragança. D.		3	1		1	26	2	24	174067	1 " 7419
	Bragança. C.		12	2			23	2	21	122893	1 " 5852
TRAZ-OS-MONTES		34	3	3	4	49	4	45	296960	1 " 6598
	Aveiro. Districto Capital		34	4	7	5					
	Coimbra. D.	10	9	1			60	6	54	223475	1 " 4305
	Coimbra. C.	1	51	30	10	12	195	22	173	234123	1 " 1353
	Viseu. D.	1	27	15	14	25	68	8	60	287957	1 " 4799
	Guarda. D.	9	7	2		1	20	3	1	193772	1 " 5382
	Guarda. C.		1			1	37	1	36		
BEIRA ALTA	21	178	63	40	58	360	37	323	930327	1 " 2908
	Castello-br.º Districto Capital		11	1	2	3					
	Castello-br.º Capital		3	1	1	1	23	3	20	127793	1 " 6389
BEIRA BAIXA		14	2	3	4	"	"	"	"	"
	Leiria. Districto Capital	2	8	1	2	2					
	Lisboa. D.		1	1			17	1	16	123959	1 " 7997
	Lisboa. C.		14			1	38	4	34	402341	1 " 11833
	Santarem. D.		11	4	4	4	21	1	20	142047	1 " 7102
	Santarem. C.		9	5	1	3					
EXTREMADURA	2	44	11	9	10	76	6	70	668347	1 " 9547
	Portalegre. Districto Capital		5	2		1					
	Evora. D.		1				9		9	80512	1 " 3945
	Evora. C.		3	2			8		8	80691	1 " 10086
	Beja. D.		1			2	4		4	102908	1 " 25727
	Beja. C.		3								
ALEMTEJO		14	4		3	21		21	264111	1 " 12576
	Faro. Districto Capital		1		1	1					
ALGARVE		1		1	1	4	1	3	125290	1 " 41763
PORTUGAL	24	422	102	80	112	740	72	668	3,224,474	1 " 4826
ULTRAMAR. — Açores		10		3	2	15	2	13		
Madeira		4	1	6	7	18	6	12		
Angola		1				1		1		
India			1	1	1	3	1	2		
Macáu				3	3	6	3	3		
Imperio do Brasil		9	7	14	14	44	11	33		
Montevideo				1		1		1		
	Total ultramarino		24	9	28	27	88	23	65		
Total dos alumnos	24	446	111	108	139	828	95	733		

Observações ao mappa antecedente. — Na comparação do numero dos alumnos com a povoação desprezamos por brevidade as fracções. Resulta deste mappa que é a provincia da Beira a que nos envia maior numero d'alumnos, 1 de 2908 habitantes; e o reino do Algarve o menor, 1 de 41763, sendo as immediatas, por sua ordem de distancia de Coimbra, difficuldades de communicações e relações, primeiro o Alemtejo, 1 por 12576, e depois a Extremadura, 1 por 9547: é todavia muito para notar o pequeno contingente do districto, limitrophe, de Leiria, que apenas manda 1 por 7997! Os estudantes

de Macáu são nascidos ahi casualmente, assim como o de Montevideo. Não duvidamos que o mesmo succeda com alguns dos differentes districtos do reino, o que não seria facil de averiguar.

Por esta occasião permitta-se-nos fazer um convite a algum ou alguns dos empregados d'instrucção superior de Lisboa e do Porto, ou mesmo a qualquer estranho curioso de trabalhos estatísticos, para que completem este nosso trabalho com outros relativos ás escholas das duas cidades. A sua conclusão, e continuação em annos futuros seria de muito proveito para a estatistica geral da instrucção em Portugal.



O RAPAZ MENDIGO.

Os nossos leitores já tomaram conhecimento com Estevão Murillo correndo a vista pelo romance, a que deu fundamento o facto historico da renuncia de Carlos 5.^o (*); agora lhe diremos qual foi a patria desse pintor celebre. Nasceu elle em Sevilha, no primeiro de Janeiro de 1618, de familia pobre, mas o seu natural talento, superando os obstaculos que a fortuna lhe oppunha, desenvolvendo-se na puericia, cresceu com a idade. O seu parente, João del Castillo, lhe deu as primeiras mas imperfeitas noções da pintura; mais tarde foi discipulo de Moya, e por ultimo de Velasquez, o primeiro pintor da es-

(*) Inseto no vol. antecedente pag. 345.

chola hespanhola: o quanto aproveitou collige-se da voga que tiveram as suas obras e da subida estimacão que hoje merecem as numerosas que deixou. Longo fôra o discorrer sobre ellas; e quem haverá, amator das bellas-artes, que não tenha visto um painel de Murillo? — Comtudo não omittiremos uma anedota moderna, que diz mais do que qualquer dissertação. — N'uma capella da sé de Sevilha existe um quadro, o de maiores dimensões que sabiu da mão de Murillo; representa um santo em extase, e os céus abertos com toda a magnificencia. Em 1813 o duque de Wellington pertendeu compra-lo para a galeria britannica e offereceu por preço tantas onças

de ouro [moeda hespanhola] quantas coubessem na grande superficie do painel, o que montava a uma exorbitante quantia: todavia o cabido preferiu a conservação da obra-prima do seu patricio.

Muito feliz era Murillo na expressão de scenas populares: o rapaz mendigo é uma boa pintura delle. Deixemos porem de fallar do artista; porque a vista desta sua estampa nos suggere algumas breves considerações.

Olhar com desprezo ou indiferença para a miseria do que não tem o alimento indispensavel para manter a vida é um acto de crueldade, uma próva de coração mais duro que o do phariseu, diremos que até é um crime muito parecido ao do assassino, porque se este mata com ferro, a sua victima não sofre tanto, ao passo que a da insensibilidade humana perece lentamente nas insoffríveis agonias do mais prolongado tormento physico — a fome. Aquelle espirito de caridade fraterna, a admoestação que nos faz a lei divina, que seguimos, para repartirmos com o proximo necessitado o nosso superfluo, os preceitos que nos obrigam a socorrermos e alliviar os pobres e miseraveis nos males que padecem, constituem a sublimidade da religião em que fomos creados, e demonstram sobejamente a sua origem celestial. Mas se a cada um de nós, individualmente, incumbe distribuir quantas esmolos podermos, o corpo social, collectivamente tomado, póde, fundando instituições beneficicas, produzir mais proveitoso effeito que os actos espontaneos de caridade exercitados avulso. Daqui vem que as nações civilisando-se estabeleceram asylos para os enfermos e desvalidos, para as creanças abandonadas e para outros infelizes; daqui se originaram, em tempos modernos, as numerosas associações, encaminhadas ao mesmo fim, que auxiliam com seus esforços os governos, e concentrando os generosos impulsos da caridade dos particulares, lhes dão maior vigor e conseguem mais amplos resultados. Entre nós achamos a antiga, piedosa e tão geralmente util instituição das Santas Casas de Misericordia, espalhadas pelo reino, e começadas a fundar na epocha florescente da monarchia: e ha pouco vimos crear o Asylo da Mendicidade, no convento de St.^o Antonio dos Capuchos ao campo de St.^a Anna, e com geral satisfação notamos os seus progressos, devidos ao louvavel zelo dos seus desinteressados administradores. Se quizermos attender especialmente á mocidade, tambem veremos no reinado da Sr.^a D. Maria 1.^a fundar-se, por diligencias do intendente, Diogo Ignacio de Pina Manique, a Casa Pia, abrigo de orphãos, que ao presente está collocada no Real Mosteiro de Santa Maria de Belem; porem para provarmos que não somos possuidos de tamanha negligencia, como a de que alguns vagamente nos accusam, bastará commemorar a sociedade creada nestes ultimos annos, para abrigo e educação primaria da infancia desvalida, que abrindo casas decentemente mantidas em varios pontos da capital, tem prestado relevantes serviços, que só a geração futura saberá devidamente apreciar, quando em o numero de seus cidadãos contar muitos, que, a não ser tão excellente instituto, ficariam inteiramente perdidos para si, para suas familias e para a patria, sendo nos tenros annos desamparados do precioso beneficio do conhecimento das primeiras lettras, e de outro ensino mais interessante ainda, o dos preceitos da virtude e dos habitos de ordem, accio, decoro e honestidade. Com os desvelos e socorros de tão benemerita associação é que, andando os tempos, se conseguirá evitar a scena que Murillo representou no seu painel, do rapaz mendigo, asqueroso, relaxado já naquella vida

ociosa, familiarizado com a miseria, em summa incapaz de voltar como membro util para a sociedade, quando a beneficencia d'algum intentasse restitui-lo ao verdadeiro caminho. Parece-nos tão forte esta reflexão, ao mesmo tempo tão clara, que convidamos as pessoas intelligentes e piedosas a medita-la, e estamos certos que o resultado dessa meditação será o afervorar-se nos corações beneficicos o empenho de sustentar e ampliar tão proficua instituição.

ECONOMIA POLITICA. — COLONIAS E SYSTEMA COLONIAL.

TRATAREMOS hoje de colonias, porque nos parece de summo interesse chamar a attenção de todos os homens pensadores do paiz sobre esta fonte de riquezas proprias, esquecendo-nos de theorias politicas que não dão pão nem o deram nunca a povo algum, e só dão e tem dado ruina, miseria, discordias, e a final a morte dos povos ou da liberdade. — Como o nosso fim, escrevendo, é sermos uteis, faremos uma breve resenha das colonias entre os gregos e os romanos, depois passaremos aos dois povos da Europa que tiveram mais extensas colonias, e por essa occasião diremos alguma cousa do seu regimen.

As colonias da antiga Grecia foram fundadas por cidadãos a isso levados por diversas causas: uns deixavam a patria constrangidos pelo furor e raiva dos partidos; outros para procurar fortuna, e por vezes o governo para alliviar a metropole de uma população superabundante e para alargar o círculo das operações commerciaes a mandava estabelecer e fixar-se em longinquos paizes; a natureza das relações da metropole com estas colonias assim fundadas dependia da qualidade das pessoas e das causas que deram origem ás colonias, porque uma colonia estabelecida por emigrados politicos mantinha com a metropole relações diversas daquellas de outra de colonos commerciantes ou outros; porem em quasi todos a independencia era completa ao menos de facto; e supposto nas festividades publicas os seus magistrados cediam o logar de honra aos da mã patria, todavia era mais por serem alliados do que vassallos. Esta liberdade de que gozavam, e o atrazamento dos povos que os rodeavam, fazia que rapidamente subissem a grande augmento de prosperidade, e não poucas vezes excedessem a mesma metropole nas riquezas e nas artes. — Taes foram Mileto e Efeso na Asia-menor, Siracusa e Agrigento na Sicilia, Tarento e Locres na Italia. — Em Roma outra cousa aconteceu: as colonias foram estabelecidas directamente pelo governo, e este as considerava já como meios de sabida para a população pobre e descontente, já como postos militares para segurar a conquista das provincias vencidas: a administração dellas era a mesma de Roma, e é de Roma que lhes iam os magistrados: da sua parte as colonias forneciam Roma de dinheiro e homens necessarios para as interminaveis guerras, em que ella se achava empenhada, já em um paiz, já em outro. As colonias da moderna Europa tiveram origem em causas diversas: a religião teve grande parte em quasi todas, quando na antiguidade em nenhuma influuiu. — A Hespanha foi a primeira que se estabeleceu na America: seu primeiro intento não foi de ali se fixar de um modo permanente, o que queriam era ouro e prata, e em que cuidavam era em o arrancar das mãos das inofensivas populações desta parte do mundo: é a *auri sacra fames* que instigou Cortez e Pizarro á conquista do Mexico e do Perú: a primeira cousa que um aventureiro hespanhol perguntava

quando aportava a uma costa era — ha aqui ouro ou prata? — Se não havia fazia-se logo de véla e procurava outro ponto mais rico, e a isto é que foi devido o progresso lento da colonização hespanhola: o ouro e prata acabaram-se nas mãos dos infelizes indigenas, e então outros aventureiros, chegados depois, occuparam-se só dos trabalhos das minas. Algumas grandes fortunas feitas por este modo estimularam a cubiça dos hespanhoes, que deixaram as terras fertes da sua patria para se entulbarem nas minas onde esperavam achar ouro, despresando as ricas campinas que os rodeavam. No entanto o mau systema de governo e administração da metropole foi-se introduzindo nas colonias com novos abusos ainda, de sorte que o descontentamento dos animos produziu insurreições e em fim a independencia por occasião da invasão de Napoleão em Hespanha. — A Inglaterra viu com olhos de inveja e de admiração a magnifica conquista pela Hespanha no novo mundo, e logo se lançou apoz ella com toda a energia do seu character e da sua actividade; porem dirigiu-se ao norte da America: muitas tentativas foram feitas no reinado de Isabel para estabelecer colonias, mas todas falharam pela ignorancia dos descobridores, e porque perdiam o tempo em só procurar ouro. Foi só no anno de 1607 que foi fundada a primeira colonia na America, e recebeu o nome de James Town em honra de Jacques 1.^o — Este soberano lhe passou uma carta de privilegio, em virtude da qual uma companhia era auctorizada para ter a gerencia dos negocios daquella colonia, enviar generos e mercadorias a ella, por tempo de sete annos, sem pagar tributos: eram cidadãos inglezes os que para lá se iam estabelecer, e só á corôa de Inglaterra se reservava o 5.^o do ouro ou prata que se achasse. Tal foi a primeira colonia fundada por inglezes no mundo novo: seu fim foi o de fazer fortuna: outros os seguiram com intuito diverso: — homens fugindo á tyrannia das facções no tempo de Carlos 1.^o, de Cromwel, e da republica, neste novo mundo procuraram e alcançaram a paz que apeteçiam e o gôzo da liberdade de consciencia que a violencia e injustiça dos partidos lhes negava na mãi patria, e assim foram fundadas as de Maryland, da Pensilvania e as outras que se seguiram depois. — O seu regimen foi ao principio muito liberal e exerciam quasi todos os direitos de soberania, cunhavam moeda, nomeavam os seus governadores, &c.; porem depois da restauração de Carlos 2.^o foram obrigados a uniformisar-se pelo governo da Virginia; apezar disso os colonos da nova Inglaterra se distinguiram sempre pelo seu grande apêgo á liberdade e por aquellas outras virtudes que só fazem que o uso della seja util e proveitoso ao paiz. — Eis o que differença as colonias fundadas por inglezes daquellas fundadas por outras nações: homens livres as fundaram fugidos á tyrannia e ao despotismo das facções que então escravizavam a sua patria: elles, onde aportavam, cuidavam em evitar aquillo de que eram elles mesmos victimas, e então lançaram as bases de um governo que desenvolvendo-se com o tempo é o modelo da liberdade, da tolerancia e de todas as virtudes publicas. — E agora que mencionâmos colonias fundadas por um governo absoluto e por um governo representativo examinaremos a questão do monopolio, e se este será util ou não á metropole para com as suas colonias. Nós pensâmos que não, e que este monopolio é nocivo a uma e outra: — primeiramente porque a colonia é parte integrante de um reino, e parece-nos por tanto grande injustiça e iniquidade enriquecer uma provincia á custa de outra: depois entendemos que as vendas obrigadas de povo a povo

não aproveitam a nenhum, porque é sabido que cada nação tem uma aptidão ou natural ou adquirida para um ou muitos ramos de industria, e é fóra de duvida que o melhor meio que tem um paiz para prosperar é o de reduzir-se a só exercer aquelles ramos em que tem uma superioridade real e verdadeira sobre os outros, e trocar o excedente da sua produção por aquelles que os estranhos fabricam melhor e mais baratos. Tal não foi o systema dos estados europeus para com suas colonias; o seu ponto era separa-las do resto do mundo e prohibir-lhes a communicação com os estrangeiros, do que resultou a infancia prolongada destas colonias, idéas falsas sobre todos os objectos, uma repartição artificial de trabalho e capitaes, desviando-os assim do seu verdadeiro emprego que elles naturalmente teriam, e obrigando-os a entrar em um caminho facticio, do qual foram forçados a sabir logo que o monopolio cessou, ou esses estados ou colonias se fizeram independentes.

X. de A.

DEVERES DOS PAIS.

QUE ha no mundo muito maus pais, é ponto que infelizmente não admite replica; sendo uns por extravagancia, outros por desmaselo, alguns por loucura, e não poucos por má indole, os amigos mais perniciosos de seus filhos. Todos os dias, e em todos os circulos das nossas relações recolhemos factos que comprovam esta triste verdade.

No entanto, justo é dize-lo para honra da especie humana, é muito menor o numero dos maus pais, do que o dos filhos ingratos e desobedientes. Não faltará [disso estamos certos] quem acoime de paradoxo o acharmos aquella circumstancia honrosa á especie humana; mas os que assim pensam são pessoas que se não cançam em examinar systematica e regularmente as suas opiniões e as alheias.

Essas pessoas teem para si, e com muita razão, que entre pais e filhos ha deveres reciprocos; que se áquelles cumpre dar a estes o sustento, protecção, e uma apurada e virtuosa educação, os filhos, pela sua parte, teem o stricto dever de honrar, obedecer, e amar a seus pais. Estamos d'acordo nestes salutaes principios; mas, perguntâmos nós, porque elles são certos e de eterna verdade e justiça, deixa acaso de tambem ser certo que ha grande differença no crime de despresar uns ou outros deveres? O pai quando calca aos pés os seus deveres, obra deliberadamente; e o filho pratica quasi sempre o mal por mera leviandade, resultado da má educação que recebeu. Um peccou com a cabeça e coração; no erro do outro só a cabeça teve parte. No momento em que o homem recebe a qualidade de pai, contrahe a obrigação de abandonar o egoismo, qualquer que seja o modo por que o occulte. Desde esse instante cessou de ter os direitos de que até alli gosava, visto ser obrigado a repartir com seus filhos todas as commodidades que obtiver; cumprindo-lhe igualmente modificar o seu mau genio, bem como outros sentimentos que possam áquelles ser damnosos. Os pais que assim não praticam, faltam de acinte aos seus deveres; e querendo gosar de todas as vantagens que o estado social offerece, não hesitam em privar os filhos da parte dessas vantagens a que elles teem indubitavel jus pelas leis communs.

O homem que procede deste modo, se não obra mui pensadamente, é então um louco rematado. Ninguem, embora seja o homem mais leigo, pôde ignorar que existem taes deveres; e que o despres-

los é declarar-se réu d'uma tyrannica e cruel injustiça. Porem, em quanto aos mancebos, já a questão muda de figura. O seu crime é indesculpavel, injurioso á sociedade, e offensivo das leis divinas e humanas; é finalmente um crime de que recebe quasi sempre castigo a pessoa que o commette, porque os maus filhos nunca vem a ser pais felizes e estimados. É pois mui grande e imperdoavel o crime do filho desobediente; no entanto cumpre diminuir na sua enormidade a circumstancia de ser elle commetido no fogo da mocidade, tempo em que a reflexão desampara muitas vezes os jovens bem educados, quanto mais aquelles que nunca foram instruidos pelas lições dos mestres, e da experiencia.

Não pretendemos de fórma alguma minorar o horror que deve necessariamente causar o peccado da desobediencia filial: nunca foi nem será nosso intento desculpar crimes que tanto damnam a sociedade, como o individuo que os practica. Só quizemos mostrar com estas observações, que é no desleixo, e, ás vezes, na indifferença dos pais que semelhantes males tem a sua origem; pois estamos certos que as calamidades por que deve passar o mau filho, bem como os remorsos e inquietações que o hão de sempre atormentar, lhes farão pagar caro as suas irregularidades e desconcertos.

Por maiores que sejam as afflicções de um pai á vista dos desvarios e pouco amor de seus filhos, nunca poderão comparar-se ás agonias que a estes tarde ou cedo causarão os remorsos da consciencia. Meditem os pais e os filhos no que acima expomos; e procurem, uns com o exemplo e carinho, e os outros com o respeito e amor, cumprir com os deveres mutuos que lhes impoz o Creador, para ventura commum, e repouso da sociedade.

QUADRO DOS COSTUMES DOS AMERICANOS DOS ESTADOS-UNIDOS.

QUANDO aportei a Baltimore, preocupado com os meus pensamentos, inteiramente europeus, desgostei-me do que principiei a observar no sólo americano, e avalei mal o povo que o habitava: pouco depois affasendo-me ás scenas quotidianas, que presenciava, se foi convertendo em admiração a minha indifferença, mas o entusiasmo foi passageiro e a final achei-me habilitado para julgar imparcialmente uma nação que não tem sido devidamente apreciada, mas que subministra materia de abundantes reflexões ao philosopho pratico.— Nestas poucas palavras [incumbindo-nos de fallar por Mr. de Beaumont] podemos resumir o introito de um livro importante sobre os Estados-Unidos, que tem por titulo *Maria, ou a escravidão nos Estados-Unidos; quadro dos costumes americanos*, escripto por um collaborador da *Obra acerca do systema penitenciario* naquelle paiz. O livro de Mr. Gustavo de Beaumont tem merecido geral acceitação pelo estilo, imparcialidade, e copia de noticias verdadeiras e de observações judiciosas. Revistas e outros jornaes litterarios tem delle extractado paginas inteiras; nós extrahiremos o que nos parecer mais digno, não dizemos da curiosidade, da meditação dos leitores.—

— Quanto admirava eu na America a sociabilidade dos seus habitantes! Por isso que não ha nesta região classes nem jerarquias, não existe o orgulho aristocratico, nem tão pouco a insolencia popular. Todos os homens, iguaes entre si, estão sempre promptos a coadjuvarem-se mutuamente, sem que o bemfeitor indague qual o gráu social ou os téres do beneficiado. Não ha cousa tão favoravel ao espirito de

sociabilidade, como a mediocridade de condições. Nos paizes onde são distinctas as jerarquias, a aristocracia e a extrema classe do povo lutam incessantemente, uma armada de seu fausto e desdem, outra de sua miseria e rancor, e ambas de pertinaz orgulho. O inferior, que intenta em vão subir, vomita insultos contra o alvo a que não pode chegar, respira o sentimento da injustiça proprio do opprimido, e toda a violencia do fraco. O homem das classes superiores cabe nos mesmos excessos, mas impellido por diversa causa: se trata os inferiores como iguaes, creem estes que os teme; vê-se obrigado a parecer altivo sob pena de passar por cobarde. Mais aspera é a contenda nos paizes de privilegios, que a democracia invadiu; o triumpho popular appresenta todos os caracteres d'uma vingança, e o poderoso que succumbe crê que para cahir dignamente deve conservar toda a arrogancia aristocratica. Nos Estados-Unidos, porém, nem ha a altivez d'uma classe, nem a colera da outra.

Não se pense que estes americanos tenham costumes extremamente polidos; ao contrario a maioria não mostra nas usuaes maneiras elegancia e distincção: mas a sua grosseria nunca é intencional, não provem d'orgulho, mas de vicio da educação: por isso ninguem ha menos resentido que o americano, que pensa que ninguem tem deliberada vontade de o offender. Quando um francez se mostra malcriado, é porque o quer ser: o americano seria sempre urbano, se o soubesse ser.

Todavia, nos Estados-Unidos, ha opulentos e pobres, mas em pequeno numero: pela natureza das instituições politicas os primeiros precisão tanto dos segundos, que, se na realidade existe preeminencia, não sei de que lado se poderá achar. O rico dá trabalho ao pobre nas suas fabricas; mas o pobre dá o seu voto ao rico nas eleições. É certo que a multidão, collocada entre estes dois extremos [o rico e o pobre] modela-se mais pelo segundo que pelo primeiro: lembra-me ter visto Henrique Clay, temível antagonista do general Jackson sobre a presidencia dos Estados-Unidos, percorrer o paiz com um chapéu velho e o vestido roto... fazia a côrte ao povo. Cada regimen tem seus inconvenientes, e cada soberano seus caprichos: para agradar a Luiz 14.^o era preciso levar a urbanidade ao ponto de minuciosa etiqueta; para agradar ao povo americano é mister que a singeleza do trato chegue quasi a incivilidade. Em Inglaterra, onde tudo está em o nascimento e havêres, as classes superiores, com seus modos elegantes, não podem tolerar as maneiras triviaes do peão; necessita este de disfarçar a sua condição; na America, o opulento é quem tem a pedir desculpa do seu fausto e polidez. Na Inglaterra, a soberania vem de cima; nos Estados-Unidos procede debaixo. A causa que faz os americanos grandemente sociaveis é talvez a mesma por que elles não são mais cortezes: não ha privilegios, que excitam invejas; mas também não ha classe superior, cuja elegancia sirva de modelo ás mais.

Admiro também nos americanos uma qualidade preciosa n'um povo livre; e vem a ser, muita discricção ou bom juizo. Penso que em nenhum paiz do mundo existe tanta *rasão universalmente derramada* como nos Estados-Unidos. Ha certas regiões na Europa, onde a mesma questão moral ou politica recebe mil soluções differentes e contradictorias: ao contrario, é certo achar todos os americanos concordes em quasi todos os principios importantes para a sua vida publica e privada: não encontrareis um só, que negue a utilidade das crenças religiosas e a obrigação de respeitar as leis: qualquer delles sabe os successos occorrentes no seu paiz, avalia-os prudentemente, e

só falla sobre a materia depois de haver reflectido e com reserva. São costumados a viagens e gostam de as empregar; grandissimo numero delles tem, pelo menos uma vez na vida, transposto o espaço que se dilata entre as fronteiras do Canadá e o golpho do Mexico: deste modo a experiencia corrobora a rectidão natural de seu bom juizo: por isso neste povo não apparecem admiracões exclusivas por cousas antigas, nescios espantos por objectos novos, preoccupações inveteradas, superstições ridiculas. A excellencia desta capacidade mental provem talvez de terem poucas paixões que os influam; o amor nacional é o mais exaltado de quantos sentimentos os animam. Este poder da razão, e a superioridade do juizo sobre as paixões explicam bem a admiravel presença d'espírito dos americanos. Assim como é inacessivel aos vivos transportes d'alegria intensa, o habitante dos Estados-Unidos não se abala com os golpes pesados do infortunio. O perigo mais imminente, o desastre mais inesperado, acha-lo-hão impassivel: vai apoz a fortuna com extremo ardor, mas supporta as adversidades com exemplar resignação. Extraordinario é por certo o contraste! Nada o suspende nas suas empresas, nada o desanima em seus esforços, nunca dirá na presença d'um obstaculo, por maior que o supponha, — *eu não posso*. — É ousado, paciente, infatigavel nas tentativas. Este povo tem sido sempre fiel á sua origem, porque nasceu do desterro; e os homens, que atravessaram duas mil leguas de mar a demandar e assentar patria, deviam possuir almas extremamente energicas.

(Continúa.)

PINTURA DA LOUÇA A QUE CHAMAM FAIANÇA.

Como na pintura desta louça de barro, levada a grande perfeição em Inglaterra, consiste a sua maior belleza, extrahimos, para conhecimento dos fabricantes, as seguintes linhas do vol. 18.^o da novissima Encyclopædia que em Londres publica a sociedade para a propagação dos conhecimentos uteis. Esta pintura ou estampação effectua-se por meio de papeis transferidores [transfer-papers] tirados de chapas de cobre gravadas; verdade é que este ramo entra em o numero dos maiores dispendios do costeo da fabrica. Um jogo de chapas gravadas para um serviço de mesa commummente custa de 130 a 150 libras ester. isto é [a 4\$ 000 rs.] de 520\$ a 600\$ 000 réis, e havendo cuidado nellas podem imprimir ou estampar duas mil duzias de jogos completos de serviço de mesa, sem precisarem retocadas. A tinta usada para estampar é feita com oleo de linhaça, fervido com lithargirio, resina, balsamo d' enxofre [balsam sulphur] (1), ou alcatrão da Barbada; quasi todos os estampadores tem uma receita particular para fazerem mais tenaz este oleo, que é o menstruo ou vehiculo das côres que se empregam.

A côr azul é feita de oxido de cobalto misturado com carbonato de cal quanto baste para o diluir em tintura propria.

A côr de lilaz: — duas partes de esmalte e uma de manganese.

O pardo: — duas partes de [zaffre], duas de lithargirio, uma de antimonio, uma de manganese.

O arruivado: — doze de manganese, duas de lithargirio, duas de flint (2), uma de vidro, uma de borax.

(1) Pomos em inglez os nomes das substancias que não conhecemos bem; todas as mais são metaes, mineraes, ou preparações destes, que os droguistas sabem distinguir.

(2) Flint, tem os significados de *seixo* e *pederneira*: *flint-glass* é o que chamamos cristal de rocha.

Côr de laranja: — seis de lithargirio, quatro de antimonio, uma de oxido d'estanho, duas de oxido de ferro.

Côr de cravo: — subchromato d'estanho e carbonato de cal, partes iguaes.

Verde: — oxido de chromium: as gradações da tintura variam com o cobalto ou estanho.

Preto: — minio ou zarcão 60, antimonio 25, manganese 15, misturadas estas partes em pedaços miudos, e depois se ajunta, oxido de cobalto 40 partes, oxido d'estanho 5.

Achando-se a côr muito delgada, o impressor a mistura com o oleo de que usa, e estendendo-a na chapa gravada, tira a impressão por meio do ordinario cylindro d'estamparia: o papel para este fim prepara-se primeiro com uma dissolução de sabão. Feita a impressão immediatamente raparigas ou rapazes, ensinados para isso, cortam com tesouras a gravura pelos contornos e a passam ao *transferidor*, que a colloca sobre a louça, que sendo absorvente a toma e conserva tenazmente: tudo isto é tracto successivo. O *transferidor* dá lugar ao trabalho do seu ajudante, que com um cylindro de flanela, bem ajustado e seguro com troçal, esfrega a impressão com força sufficiente para a tinta ficar em perfeito contacto com a massa da louça. As peças assim cubertas com seus papeis são mettidas n'uma cuba com agua, e sendo tirado o papel, lavando com uma esponja, achar-se-hão os pontos mais miudos da gravura exactamente transferidos para o barro. Quando enxutas as peças, vão a um forno, á roda do qual se mantem circularmente o fogo com o conveniente grau de calor.

Em o n.^o immediato diremos os processos para os vidrados de côres, extrahidos da mesma obra. Advertiremos que os fabricantes, que desta materia devem ter muito maior conhecimento do que nós, farão bem se procederem de menos para mais como aconselham os avisados escriptores em experiencias d'agricultura e geralmente em todas as operações novas na pratica das artes industriaes: póde ser que progredindo com tento e intelligencia, observando e combinando os resultados, possam vir a alcançar taes melhoramentos como não era d'esperar das tentativas. Se as receitas acima transcriptas são seguras, poupado lhes fica o trabalho; se dependem de ser melhoradas ou refundidas, a sua diligencia os ensinará a modifica-las ou porventura a descobrir outras que mais perfeitas e vantajosas venham a ser. O cego palpa para acertar com o caminho, e nós, apesar da superioridade do actual seculo, tambem ainda em muitas e importantes materias caminhamos ás apalpadellas. Razão sobeja é esta para que ninguem se envergonhe de tentativas, que, ainda não deixando outro fructo, ao menos indicam a vereda por onde se póde porfiar com esperanças de bom successo, ou a que se hade largar por infructuosa ou prejudicial.

A FAMA de uma mulher casada ou donzella hade ser tratada como vidro cristalino; porque se inteira resplandece, com os halitos da boca se empana, e com os toques da mão estala. — *P. Bernardes. Floresta.*

Os homens creem tão pouco na auctoridade da propria razão que ordinariamente a justificam allegando rasões alheias.

A pag. 14 onde se lê — conselhos de Martim de Castro dos Rios — lêa-se — de Castro do Rio.